

SCOTT HUTCHINS

Uma teoria provisória do amor

Tradução

José Geraldo Couto



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Scott Hutchins
Todos os direitos reservados.

Textos selecionados de *The Essential Turing: The Ideas That Gave Birth to the Computer Age*, org. Jack Copeland (2004), com permissão da Oxford University Press.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
A Working Theory of Love

Capa
julia.co.uk

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Valquíria Della Pozza
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hutchins, Scott

Uma teoria provisória do amor / Scott Hutchins ; tradução José Geraldo Couto — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: A Working Theory of Love.
ISBN 978-85-359-2318-6

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-07871

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

1.

Há poucos dias, um carro de bombeiros e uma ambulância pararam diante do meu prédio na colina sul com vista para o Dolores Park. Desceu um grupo de paramédicos, o maior deles carregando uma cadeira preta com correias vermelhas e fivelas. Vinham buscar meu vizinho de cima, Fred, que é um beberrão e um eremita, mas por quem sempre tive uma estima bizarra. Não gostaria de estar no lugar dele: passa a maior parte do seu tempo assistindo a programas de esporte na tevezinha de tela plana alocada na ponta da mesa de sua cozinha. Fuma devagar e sempre (minha ex-mulher costumava se queixar do cheiro), grudado em partidas de tênis, torneios de basquete, jogos de futebol americano — ou mesmo de futebol. Ele não tem interesse nos jogos em si, mas apenas nas apostas que faz em torno deles. Sua única visita regular, o carteiro, é também um *bookmaker*.

Como eu disse, não queria estar no lugar dele. A solidão e a monotonia de seus dias não são nada atraentes. E, no entanto, ele sempre foi um modelo de autossuficiência. Bebe demais, fuma demais e, se é para comer alguma coisa, limita-se a esquentar uma

lata de sopa instantânea Chunky. Mas ele sai para buscar pessoalmente essas coisas — cigarro, bebida, Chunky —, ginguando colina abaixo com suas pernas duras até a loja da esquina e voltando com um saco de papel bem cheio. Então ele galga os quatro lances de escada até seu apartamento — uma cópia mais suja e mais espartana do meu —, onde mora sozinho, o que não deixa de ser uma pequena façanha no brutal mercado de aluguéis de San Francisco. Ele é sempre cordial na escada, e mesmo nos poucos meses desesperados que se seguiram ao meu divórcio, quando outro vizinho sugeriu uma porta giratória no meu apartamento (para dar vazão ao tráfego intenso — um comentário safado), Fred me dava passagem na maior educação. Bateu na minha porta uma vez, mas só para perguntar se por acaso eu ouvia suas andanças pela casa no andar de cima. Ele sabia que tinha “um passo muito pesado”. Entendi que o gesto significava: somos vizinhos e tal, mas você é gente boa comigo. Mas talvez eu tenha interpretado demais.

Quando os paramédicos subiram até o andar de cima naquele dia, havia o som de vozes abafadas e então Fred soltou algo entre um grasnido e um grito. Sai para o corredor e, a essa altura, os paramédicos o estavam trazendo para baixo, gritando com ele, duros como sargentos comandando exercícios. *Senhor, mantenha os braços dobrados. Senhor, mantenha os braços dobrados. Vamos amarrar seus braços, senhor.* A repreensão parecia excessiva para um velho, mas quando eles chegaram ao meu andar, trazendo-o fortemente atado na cadeira-padiola, pude ver qual era o problema. Ele estava tentando se agarrar aos corrimãos para impedir a descida. Seu rosto estava transtornado, os olhos turvos se agitavam aterrorizados, vertendo lágrimas.

“Sinto muito, Neill”, disse ele quando me viu. Estendeu as mãos para mim, suplicando. “Desculpe. Sinto muito mesmo.”

Eu lhe disse para não ser ridículo. Não havia nada de que se desculpar. Mas continuou pedindo desculpas enquanto os

paramédicos passavam diante da minha porta, transportando-o em seu esquite médico.

Ao que parece, ele tinha caído dois dias antes e fraturado o quadril. Chamara o socorro só dois dias depois. Nas primeiras quarenta e oito horas ele se arrastara pelo chão de um lado para outro, esperando sabe Deus o quê: que a dor desaparecesse? Que alguém batesse à porta? Descobri onde ele estava internado, e agora ele já foi operado e está se recuperando numa bela clínica de reabilitação. Então essa parte da história acabou bem. Mas fiquei pensando naquele pedido de desculpas. *Sinto muito, sinto muito mesmo*. Do que ele estava se desculpando senão de sua existência básica neste mundo, do fato inconveniente de viver e respirar? Ele estava desorientado, claro, mas a verdade permanece. Ele não é autossuficiente; é simplesmente solitário. Essa revelação não deveria importar tanto, não deveria virar minha vida para essa ou aquela direção, mas ela tem agido em mim de algum modo subterrâneo. Parece que venho me fiando demais no exemplo de Fred. Meu pai, que nunca foi propriamente um intelectual, tinha uma citação favorita de Pascal: a única causa da infelicidade do homem é sua incapacidade de ficar sentado quieto em seu canto. Eu sempre tinha pensado em Fred como alguém sentado quieto em seu canto.

Não que a vida de todo mundo seja uma história de amor incrível. Meu próprio “aperitivo” de casamento se dissolveu faz alguns anos e, à parte aqueles primeiros meses de porta giratória, passei sozinho boa parte do tempo desde então. Tive um namoro um pouco mais longo aqui e ali, com esta ou aquela moça, e busquei consolo ocasional em transas de uma única noite, que *podem sim* trazer consolo, se a atitude for correta. Meu nível de consumo de bebida subiu drasticamente e depois caiu drasticamente. Faço na minha vida os sulcos por onde deslizo. A solteirice, conforme aprendi, requer rotina. Pequenos rituais que hon-

ram os momentos que ninguém vê. Digo isso sem autopiedade. Quem se importaria com o fato de que despejo exatamente duas gotas de nata no meu primeiro café e só uma no segundo (e último)? Ninguém — no entanto, essas gotas são a própria essência da minha manhã.

É por causa da rotina que não posso beber demais, e também por causa dela que me tornei paradoxalmente menos relaxado como solteiro de trinta e seis anos do que eu era quando casado, mais jovem. Alimento o gato às sete. Preparo um *taco* de café da manhã — ovos mexidos, fatia de queijo condimentado, tortilha de milho, *salsa* verde — e faço um expresso na cafeteira italiana. Como em pé. Então o gato fica no meu colo até as sete e quarenta, enquanto verifico e-mails, examinando as muitas ofertas especiais que aparecem na minha caixa de correio de um dia para outro. Vendas de um único dia; amostras grátis; vinte por cento de desconto. Deleto esses anúncios, tomo uma ducha e às oito estou saindo de casa, depois cinquenta minutos de viagem, do sul de San Francisco a Menlo Park.

O trabalho é na Amiante Systems, um grandioso projeto linguístico de computador. Como empresa, não foi projetada sem falhas — o fundador achava que “Amiante” era a palavra latina para magnetismo; minha ex-mulher, Erin, observou que, na verdade, é a palavra francesa para asbesto —, mas é financeiramente sólida e séria. Há três empregados, e juntos estamos desenvolvendo um programa sofisticado — baseado num diário de vinte anos do “Samuel Pepys do Sul” (assim chamado pela obscura revista histórica que publicou o único excerto) — para processar de modo convincente a linguagem natural. Para conversar, em outras palavras. Para falar. Os diários são uma montanha de ideias e interações, mais de cinco mil páginas de atitudes, histórias, estruturas de frase, filosofias de vida, dicas de saúde. A ideia é que as conexões ocultas nos itens, também conhecidos como a

personalidade deles, nos deem uma coerência que falta aos projetos anteriores de conversação — exercícios de passatempo, “assistentes digitais”. O autor do diário, um médico do Arkansas, era na verdade meu falecido pai, e foi assim que, por caminhos sinuosos, cheguei a esse emprego. Os diários são propriedade minha, legalmente. Ainda assim, meu chefe me convenceu. Sei pouco sobre computadores — fui redator de publicidade dos vinte aos trinta anos —, mas, dos três, sou o único falante nativo de inglês, e tenho sido útil para fazer o programa ficar mais parecido com uma pessoa real, ainda que muito confusa.

Quando chego de volta do trabalho, dou comida para o gato e preparo alguma coisa para jantar. Sento em meu sofá novo. Se é dia de semana, tomo uma taça de vinho e vejo um filme. Se é fim de semana, talvez encontre um velho camarada, ou um novo (embora eu tenha poucos novos, e menos ainda velhos), ou talvez eu tenha planos com alguma amiga (sempre planos, nunca alguma coisa deixada para o último minuto). De vez em quando vou a um boteco local onde os garçons sejam confiáveis. Considero isso uma concessão, mas pequenas concessões também são cruciais para a vida de solteiro. Estacionamento é outra — por trezentos dólares por mês evito ficar dando infinitas voltas no meu quarteirão —, mas também tenho minhas revistas, minha faxineira quinzenal, meu bar bem abastecido e minha tina aquecida para fazer escalda-pés. Quando me sinto extenuado, mando minhas roupas para uma lavanderia. Umas duas vezes por ano eu agendo uma massagem poderosa. Peço comida para viagem toda semana, e às vezes — quando me sinto decidido — levo um livro a um restaurante e janto sozinho.

Fui criado no Sul, mas fiz meu lar aqui em San Francisco pelas chamadas razões de estilo de vida. Gosto das ruas lavadas pela chuva, da visão límpida do centro da cidade, das tendências culinárias honestas (a atual é das tripas de boi), dos artigos trans-

bordando das lojas de esquina, dos mercados de produtos agrícolas, das caminhonetes. Há muitos como eu aqui — gente sozinha encalhada na vida — e faço amigos transitórios, namoradas transitórias. Logo que meu casamento terminou, embarquei numa busca enlouquecida por apartamento no Vale do Silício, mais perto do trabalho, mas logo vi no que me transformaria. Iria desaparecer dentro da minha casa, do meu trabalho doméstico, do cuidado com o jardim. Eu me tornaria um espectro, e este é o grande perigo da solteirice: ficar tão etéreo e insubstancial que as pessoas não te enxergam.

Tomei um rumo diferente (em parte inspirado por Fred). Decidi ficar na cidade, no mesmo apartamento que Erin e eu tínhamos compartilhado, e aprender a lógica do solteiro. É um sistema claro, com pouco tempo para sentimentalismo. Parte do entendimento de que, na condição de solteiro, você é um *provisório* permanente. Não é hora de convenções. Quando se trata de café da manhã, de vida social, de amor, é preciso privilegiar o simples em vez do complicado. Não há nada de cruel nisso. Os solteiros que conheci — amigos temporários — eram sujeitos legais. Nunca tive estômago para homens que se referem a mulheres como vacas, gostosas — embora esses homens existam em San Francisco, como no mundo todo. Não é nem a misoginia que me incomoda: é a deslealdade com eles mesmos. Eles são os ineptos, os perdidos, os pequenos. Os solteiros bem-sucedidos — os desprovidos de amargura — me ensinaram muita coisa: a organizar uma vida social, a nunca usar uma colher e um garfo juntos quando um dos dois é suficiente. Conheço um cara que dorme numa rede; um cara que não admite nenhum material orgânico em seu apartamento; um cara tão seguro da solteirice sem filhos que se submeteu a uma vasectomia (foi ele que me deu a receita para o *taco* do café da manhã). Outro solteiro me contou uma vez sua estratégia para seguir navegando em

meio ao marasmo do isolamento físico. Quando ele não estava com disposição para dançar ou encontrar alguém namorável, quando queria simplesmente uma noite agradável com um corpo estranho, um abrigo onde armar a tenda de beduíno da sua alma, ele se hospedava num dos grandes albergues da juventude da cidade. Eu disse que parecia meio sinistro, mas ele observou que isso era irrelevante. Era ético, e era só isso que importava. Ele estava à procura de um bálsamo temporário; viajantes teriam mais probabilidade de compartilhar seu objetivo. Ele não estava rapinando ninguém; na verdade, estava oferecendo seu consumado conhecimento da cidade e sua carteira aberta. O único problema é que você tinha que inventar um pequeno álibi para explicar por que estava se hospedando num albergue da juventude. Você estava recebendo a visita de parentes idosos; o encanamento estava com problemas. Ou então você pode exibir seu passaporte como documento de identidade e fazer de conta que está viajando.

“É uma combinação de resultados desejados”, disse ele. Tudo o que pude fazer foi ficar maravilhado com o funcionamento da lógica do solteiro.

Mas será que isso é bobagem? Será que esse amigo, esse homem de bem, vai terminar atado a uma cadeira-padiola, com as mãos tentando se agarrar a suas paredes alugadas?

Sinto muito mesmo, Neill.

Meu pai — parei de chamá-lo de papai quando ele se suicidou; passou a soar sentimental — teria encontrado uma moral específica e óbvia na história. Ele era tão tradicionalista. Quase me surpreende que não usasse trajes de época. Ele gostava de citar a frase que estava na lápide de seus pais: “Magnificência havia, mas de conforto havia pouco, e, sendo desconhecido, dele não se sentia falta”. É de *Ivanhoé*. Somos de uma velha família sulista, e católica ainda por cima, então ele provavelmente teria

insistido para que eu cumprisse meu dever, que em geral era alguma versão de “viver para os outros”. Eu estava na faculdade quando ele se matou. Foi duro para mim, mas me libertou de uma certa preocupação, de um modo travado de encarar o mundo. Vim para a Califórnia, onde abandonei meus deveres de “descendente” de uma “velha” família. (Eu poderia com a mesma facilidade colocar aspas de espanto em “deveres” e “família”.) Em vez disso, assumi as responsabilidades do bom cidadão: reciclar lixo, pedalar minha bicicleta, dar dinheiro a grupos ambientalistas e ao abrigo da Glide Memorial. Sou associado ao San Francisco Museum of Modern Art (SFMOMA) e à Film Society. Esses são meus compromissos, e em muitos sentidos eles têm se mantido sólidos. Tão bons quanto a vida de cerquinha branca do meu irmão em Michigan, com sua incansável busca pelo banal. E, desconfio, melhor que a tentativa de minha mãe de, ao mesmo tempo, conservar a velha casa no Arkansas e fugir dela, um compromisso que a mantém num circuito contínuo de viagens educativas, em cruzeiros pelos litorais impopulares do mundo.

Minha vida como um todo, para o meu pai, seria incompreensível. Indigna sequer de menção. Mas o diário de meu pai — Dr. Bassett, como é chamado na Amiante — vai se ocupar de qualquer pergunta. Uma vez que se trata de um programa muito básico, uma versão pesquisável dos diários com uns poucos artifícios de conversação, não posso dizer que ele *entenda* o que quer que seja. Ele não é capaz de seguir uma ideia, nem sequer de fazer distinção entre as pessoas que estão falando com ele. (Não sabe, por exemplo, que sou filho do dr. Bassett.) Mas às vezes eu lanço algumas palavras e o computador — a seu modo meio de bola de cristal — devolve uma frase que tem algum impulso oculto de iluminação. Esta manhã tivemos este diálogo:

amgo1: devo ficar em casa ou sair esta noite?

drbas: sextas são dias de amigo*

amgo1: hoje é quinta, mas é uma bela ideia

drbas: ????

Se eu digo mais de uma coisa — se uso “e” ou “mas” —, ele geralmente fica sem resposta.

amgo1: seu sentimento foi uma bela ideia

drbas: o que você acha de o meu sentimento ser uma bela ideia?

amgo1: só acho bacana. então, devo ficar em casa ou sair esta noite?

drbas: você já ficou deprimido bastante tempo. é hora de se divertir.

Tive que corrigir sua resposta: nada em nosso diálogo até então sugeria que eu tivesse estado deprimido. Não obstante, ele está certo. Lá fora, a noite cai como um cutelo. Se eu não conseguir me sacudir para sair deste sofá, ficarei aprisionado, contemplando pela janela a cidade negra e implacável dos meus trinta e tantos anos. A rua embaixo — como acontece tantas vezes — vai matraquear sua risada distante.

No Fisherman’s Wharf — à distância de uma corrida de táxi curta — vejo o letreiro do Ghirardelli piscar para a vida. Minhas companhias são uma loura alta, Rachel, e uma morena baixinha, Lexie, de Tel Aviv. Nenhuma delas é uma grande beldade, mas contam com o atrativo da juventude. Só podiam, já que as conheci no albergue da juventude. Foi tão fácil como meu

* “*Fridays are friend days*”, no original. Aqui há um jogo de palavras intraduzível, já que “*Fridays*” pode ser visto como uma contração de “*friend days*”. (N. T.)

amigo descreveu — Vamos conhecer a cidade, eu disse. Legal, disseram elas. Vim aqui exatamente para isso, e no entanto a operação toda jogou ácido no meu estômago. Eu devia ter escolhido um álibi mais simples — meu encanamento estava com problemas — em vez de posar de turista. Mas eu queria aquela sensação de deslocamento e aqui está ela: a San Francisco dos cartões-postais. O cheiro de siris fumegantes penetra o ar gelado, e as vitrines desse grande bazar de camisetas tremeluzem no lusco-fusco. A névoa envolve a ponte Golden Gate como um casulo, e Alcatraz se ergue iluminada e solitária na água cinzenta. Não poderíamos pedir mais do que isso. Só faltava um bonde tocando o sino, e de fato aparece um — *cling, cling*. O da linha Hyde and Larkin Street.

As garotas estão com pouca roupa, como se estivéssemos chegando a uma balada de Miami: saias curtas com botas de pelo de carneiro, tops grudados na pele e fazendo caretas. Tiritam de frio. A loura, Rachel — a mais bonita e menos simpática das duas —, está vermelha e manchada devido ao vento frio.

“Que vista”, digo eu. É a primeira vez delas em San Francisco.

“É demais”, diz Rachel.

“Porra, não dá pra acreditar que estamos mesmo na Califórnia”, diz Lexie, esfregando os braços. Ela é roliça, vigorosa e jovem, mas tem a voz profunda e áspera de um paciente de enfiseema. “Onde é que rola a balada por aqui?”

“Será que não podemos simplesmente olhar o cenário por três segundos?”, diz Rachel.

“Esta é nossa última cidade.” Lexie lança um olhar significativo na minha direção. Eu o reconheço: ela quer se livrar de mim. Devo estar irradiando melancolia.

“E você vai querer fazer nesta cidade o mesmo que faz em todas as outras”, diz sua amiga.

“Até agora tem dado certo, não tem?”, vocifera Lexie. “A gente não se divertiu?”

Rachel balança a cabeça, com expressão de desagrado.

“Fico surpresa que você esteja viajando totalmente sozinho”, Lexie me diz.

Totalmente sozinho. Experimento as palavras com minha língua, como se fosse um dente arrancado. “Há prazeres na solidão”, digo.

“Parece algo que um fracassado sem amigos diria.”

Boa sacada. “Mesmo um fracassado sem amigos pode estar numa boa”, digo eu.

“Você por acaso é um daqueles caras casados?”, pergunta Lexie. “Daquelles que saem por aí na moita em busca de sexo?”

“Não sou casado.”

“Você tem o andar de uma pessoa casada”, diz ela. Cruza os braços segurando os ombros e saltita de modo robótico pela calçada, como um brinquedo de corda.

“Acho que talvez você esteja fazendo confusão”, digo eu, “entre casado e inválido.”

“Ela faz confusão com um monte de coisas”, diz Rachel.

“*Ela faz confusão com um monte de coisas*”, diz Lexie com voz de bebê — um bebê com o pulmão comprometido —, retorcendo a boca.

O vento aumenta, soprando o vapor das barracas de caranguejo, bafejando nossos rostos. Lembro a mim mesmo que eu deveria estar me divertindo. Isto aqui deveria ser uma travessura, uma exultação de liberdade. Meu chefe, Henry Livorno, sempre insiste que não há diferença empírica alguma entre parecer e ser. É o conceito (operacionalismo) em que se baseia nosso projeto, mas é também uma sólida sabedoria para esta noite. Se eu puder fazer as coisas *parecerem* divertidas, elas o *serão*.

“Como é o andar de uma pessoa solteira?”, pergunto.

As garotas me ignoram. Lexie lança o olhar à distância, como se bem longe ela pudesse avistar as pessoas que procura. A atenção de Rachel está voltada para uma barraca de frutos do mar nas proximidades. Ela observa o atendente corpulento ajeitar sua touca e em seguida remover uma série de caranguejos brancos fumegantes da panela em ebulição.

“Aqueles coisas são enormes”, diz ela.

“São caranguejos de Dungeness”, digo eu. Ela tem o porte de uma dançarina esbelta, e não usa maquiagem alguma, mas suas roupas de balada não a favorecem. Caem-lhe desajeitadamente, como um disfarce. “Quer experimentar um?”

“Rachel é kosher”, diz Lexie, com um sorriso canalha.

“Você não devia me encher esta noite”, diz Rachel, abraçando os cotovelos. “Estou com frio, quase a ponto de voltar para casa.”

“Mark Twain disse uma vez...”, começo a dizer.

“Está *mesmo* frio pra cacete”, diz Lexie, agora séria. “Quer trocar de roupa?”

“Sim, acho que sim”, diz Rachel.

Esta não seria a primeira vez que uma noite me escaparia. Não sou um desses homens abençoados com desejos puros, que trazem para o jogo da vida a virtude da determinação inflexível. Mas penso em Fred e me reanimo. Convido as garotas para baixo do toldo da loja de camisetas mais próxima — LEMBRANÇAS DOS GARIMPEIROS DOS VELHOS TEMPOS — e me disponho a comprar-lhes blusões de moletom com nomes engraçados. Isso as manterá aquecidas. E fora de casa.

“Estou tentando, tipo, não adquirir coisas”, diz Rachel, se desculpando. “Simplificar, simplificar.”

“Você anda lendo Thoreau?”, pergunto, e recebo dela um novo olhar — de surpresa, talvez de gratidão.

Num bar obscuro na marina, chamamos um pouco a atenção com nossos blusões de moletom azul-bebê. Lexie é David. Rachel é José. Sou Gina. O tapete preto cheira a cerveja, da qual bebemos nosso tanto. Sinto-me melhor. O ar está enevoado de alguma coisa — talvez haja uma máquina de fumaça escondida em algum lugar. Rachel e eu nos sentamos em banquinhos altos. Lexie se apoia no tampo da mesa, que fica quase à altura de seu queixo. Ela pinta as unhas num estilo francesinha meio desajeitado, são peroladas como plástico, retilíneas como um estilete. Há uma espécie de música de bate-estaca tocando, e ela passa a girar de modo relutante, como se alguém a mandasse fazer isso. Ela não conseguiria enfeitiçar Herodes para cortar a cabeça de João Batista, mas exhibe quatro ou cinco movimentos básicos de quadril usados numa cópula. Quem é essa garota? Ela deve pertencer a alguma categoria, uma categoria com a qual não estou familiarizado. Evidentemente é uma integrada — atitude que costuma receber uma condenação maior do que merece; o que há de mais igualitário que a integração? —, mas não sei a que ela se integra. Pelo jeito há um programa de TV que só eu, neste bar, ainda não vi. Um programa de sucesso. Algo que se conecta aos sonhos desta multidão — ela atrai um bocado de atenção dos homens nas mesas, dos homens no balcão, dos homens nas sombras junto à jukebox. Tipos da marina — mais altos que a média, que frequentam academias, que calçam sapatos de bico fino. Uma estirpe mais seleta de integrados.

Lexie se volta para mim, no meio da sua dança. “Você vai nos pagar mais drinques?”, grita.

“Você não parece alguém de Tel Aviv.”

“Só porque falo inglês? O que você é, antissemita?”

Rachel vasculha sua pochete de viagem, que ela leva a tiracolo como se fosse uma bolsa, e joga uma nota de vinte em direção a Lexie. “Compre você mesma.”

“Não é suficiente”, diz Lexie. “Quero uma dose de Sam-buca.”

Estendo outra nota de vinte. “Compre o que quiser”, digo eu.

“Você é suspeito”, diz Lexie. “Acho que parece um daqueles estupradores que narcotizam a vítima.”

“Olhe”, diz Rachel. Ela tampa com a mão aberta sua garrafa de cerveja, mostrando por mímica que não se deixa drogar.

“Você sabe que eu e ela somos amiguinhas”, diz Lexie. “E não estou querendo dizer que somos apenas amigas.” Para demonstrar sua afirmação, faz um gesto bastante grosseiro com dois dedos e a língua. Rachel tem um acesso de tosse. Acho que está horrorizada. “Portanto não sei aonde você acha que isto vai levar, mas não vai levar lá.”

Aponte para o bar. “Não se esqueça de dar a gorjeta.”

Lexie dá um tapinha na mão de Rachel, que cobre a garrafa de cerveja. “Até eu voltar aqui”, diz ela, andando para trás multidão adentro. Ela aponta para os próprios olhos, depois aponta para mim. *Estou de olho em você.*

“Ela sabe dar gorjeta.” Rachel observa a amiga, fechando a cara. Na rua, os olhos de Rachel eram brilhantes, de um verde cristalino, mas aqui eles são escuros e opacos, da cor de um limão-galego. Sua pele é branca como cera; uma larga pincelada de sangue jovem tinge seu rosto das bochechas até a mandíbula. Sangue, como disse uma vez meu pai, é tanto vital quanto mortal. Ele era médico, afinal de contas. “Não somos de Israel — somos de Nova Jersey. E não somos namoradas. Não sei por que ela precisa dizer uma merda dessas.”

Eu entendo. “É divertido a gente extravasar de vez em quando.”

“Pensei que a meta fosse descobrir a si próprio.” Ela tamborila sobre a mesa, puxa para trás seu cabelo armado. “Não quero estragar o teu lance. Sei que ela é gostosa.”

Estou surpreso. Será que mostrei uma atração pela amiga dela? Será que *estou* atraído pela amiga dela? Observo Lexie agitando os braços para o garçom, a saia erguida bem alto revelando suas coxas ligeiramente grossas. Ela de fato tem a virtude da simplicidade.

“O que faz você pensar que estou interessado nela?”, pergunto.

Rachel toma um gole da sua cerveja. “Ela tem um belo par de peitos. São tão redondos. E são de verdade.”

“Dizendo melhor: o que faz você pensar que ela está interessada em mim?”

“Você estaria mais ou menos na divisão intermediária para ela.”

Divisão intermediária. Não sei se alguma vez fui descrito de modo mais preciso. Isso provavelmente significa coisas ruins para a atitude da própria Rachel com relação a mim. Ela tem sido amável, mas talvez amável demais. Parece ser do tipo que tem namorado. Vejo Lexie voltando com três garrafas agarradas pelos dedos de uma das mãos e três doses equilibradas na outra, tudo isso transportado com o cuidado de uma oferenda.

“Os americanos gritam demais.” Ela balança a cabeça jogando o cabelo para trás. “E só ficam paradas no meio do caminho.”

“As pessoas não ficam paradas em Tel Aviv?”, pergunto.

Ela me dá um vislumbre de sorriso, o primeiro da noite. É quase coquete. “Elas dançam, bobão. Temos os melhores clubes noturnos. Dome. Vox.”

“Vocês me hospedam se eu for visitá-las?”

Ela encolhe os ombros e olha em direção à multidão, retraindo seus movimentos de quadris. Se é que está interessada em mim, não está muito. Ou forcei demais a barra. Ou ela está só tentando me deixar enciumado. No escuro, ela esquadrinha outros possíveis pretendentes, não exatamente os observando,

mas observando-os a observá-la. Os rostos dos homens são imperturbáveis e hostis. Eles olham para Lexie, para Rachel, para outras mulheres, com uma ameaça flutuante, como se pudessem facilmente cortar o pescoço delas. É tudo encenação, um script chupado de um romance de vampiro, o selvagem domado pelos ardis de uma mulher. E no entanto há algo de dócil nessa convenção. Parece um terreno mais seguro que o dos sabidos e dos humanistas — minha tribo — que enchem a cara e falam pelos cotovelos para defender uma causa plausível: nós *poderíamos* nos envolver profundamente com tal pessoa, mas acontece que não nos envolvemos. Aqui o jogo tem regras, tão claras como se estivessem afixadas junto ao alvo de dardos, e todo o empreendimento é facilitado por uma honesta oferta das mercadorias. As roupas são bem apertadas nos peitos, nos deltoides, nos glúteos, no abdome. Eles sabem que todos somos como imóveis, e enquanto talvez mantenham a eventual esperança de fazer a Aquisição Suprema no amor, estão claramente abertos à ideia de alugar. É tudo de uma lógica desconcertante, nessa escrupulosa sabedoria do mercado de carne.

“Você pode ficar comigo”, diz Rachel. “Vamos para a balada no Dome e no Box.”

“É um lugar ou dois?”

“Você vai ter que perguntar para a prefeita aqui.”

“Eu não sabia que você era a prefeita”, grito para Lexie.

“O quê?” Ela parece insultada. “Não sei do que você está falando.”

Do que estou falando? Não sei. Penso de novo no programa de tv que só eu neste bar nunca vi. Do que trata ele? De duas garotas maluquinhas viajando pelo país usando tops justinhos? Com quem se parecem os personagens masculinos? Não consigo, com certeza. Estou no papel errado. Mas talvez com estes caras — como esse jovem profissional perto do banheiro,

com seus sapatos de bico fino, calça jeans de boca larga, cabelo repuxado numa crista no alto da cabeça, como se alguém tivesse sentado sem roupa sobre ela. Quem *ele* acha que é?

Desço do banquinho. “Banheiro”, grito para as garotas.

De perto, o jovem profissional é alto, com o aspecto sarado de um rato de academia e uma tatuagem atravessando seu peito seminu (depilado?) que parece combinar com o bordado de sua camiseta. Aliás, espero que seja o contrário, que a camiseta tenha vindo depois da tatuagem. Ele exala o cheiro de uma colônia que não consigo identificar, extravagantemente floral. Seus braços estão cruzados, a garrafa de cerveja empunhada como um porrete. Ele tem a fisionomia inexpressiva e sem sorriso de um psicopata.

Eu me viro para avistar as garotas. Elas estão olhando em direções opostas, sem falar uma com a outra. A viagem começa a causar danos.

“O que você acha das morenas?”, pergunto.

O jovem profissional me encara de cima a baixo, como se procurasse algum pedaço de mim que ele pudesse respeitar. Ou talvez seja uma fatia — não é esse o termo que essa gente aprecia?

“Se você traz suas irmãs para o bar, cara”, diz ele, “elas podem acabar sendo devoradas.”

“Adoro a palavra ‘cara’”, digo eu. Fatia. Cara. Esse pessoal descobriu ou está para descobrir alguma coisa. “Não são minhas irmãs.”

“Seu nome é Gina?”, pergunta ele.

“Ha!”, digo eu. “Gina! Não, estou falando da morena. Por que você não vai lá e, sabe, joga seu charme pra ela?”

“A baixinha?” Seu rosto se abre, como se ele me reconhecesse. Sim, um velho amigo que ele conhece desde sempre. Ele me dá um soco no braço, com força. Está sorrindo, estou sorrindo. Somos manos diante de minas. “Adoro as baixinhas”, diz ele.

“Chocante”, digo. E no banheiro, penso: “Isto é chocante”. Parece chocante e é chocante. É quinta-feira à noite. Quinta-feira! E aqui estou eu em minha própria cidade, um viandante forasteiro, com duas garotas de Nova Jersey via Tel Aviv. E tem esse sujeito estranho, que parece alguém provavelmente famoso — *de um programa de TV que só eu nunca vi!* —, que vem servir de copiloto nessa situação com as garotas. Ou talvez ele esteja pilotando. Claro que está. Em sua mente. É tudo uma questão de perspectiva! Balancei a cabeça diante do espelho do banheiro, esfregando as mãos. Tanta coisa na vida — uma questão de perspectiva!

De volta ao balcão, encontro Rachel sentada sozinha. Aponto para os ouvidos para indicar como o barulho é ensurdecedor. Ela confirma com a cabeça, aponta para os próprios ouvidos também.

“Onde está Lexie?”, pergunto.

“Motocicleta”, grita ela.

“Essa foi rápida.” Olho pela janela pintada de roxo, mas não vejo nada.

“Você devia ter visto ela em Phoenix”, diz Rachel. “É patético.” Sua fala pastosa distorce as sílabas: é passêssico.

“Phoenix?”

“Tucson. Austin. Santa Fé.”

“Certo”, digo eu. Tucson, Austin. Santa Fé — como num anúncio de ferrovia. Tento ficar animado.

“É isso que fazemos”, ela diz. “Garotas do lugar de onde a gente vem.”

“Conheci uma porção de garotas de Nova Jersey. Não parece que seja tão ruim lá.”

Ela pousa os cotovelos na mesa. “Mas elas eram *livres*?”

“Me pareciam bastante liberadas.”

“Eu não quis dizer liberadas.”

Olho de novo pela janela. “Lexie parece livre.”

“Você está fazendo confusão, meu amigo. Entre livre e fácil.”

O albergue é um velho quartel do Exército, frio, exposto ao vento, ruidoso. Posso ouvir a voz ocasional na área comum, os passos solitários de uma tardia excursão noturna ao banheiro. Rachel senta na cama em meu quarto minúsculo e luta com suas botas como um colono exausto. “Computadores falantes”, diz ela, balançando de um lado para outro sob a lâmpada nua. Tentei lhe explicar meu trabalho (omitindo sua localização) na gélida caminhada de volta. Ela disse que queria saber, mas não se mostrou muito interessada. Está tão bêbada que parece ter sido desossada.

“Quer um pouco d’água?”, pergunto. Seguro sua panturrilha numa das mãos e acabo de tirar a bota. Faço o mesmo com a outra perna. Livre e fácil. Estou a ponto de dizer que não precisamos fazer isso, mas por que não faríamos? Que outra coisa fariam duas pessoas, numa situação como esta? Ponho minha mão embaixo do grosso elástico de seu blusão de moletom e a ajudo a despi-lo, sentindo a crista de suas costelas. Um clavicórdio, uma concha de vieira. Seu desodorante tem um cheiro cálido de cravo. “Mais um”, diz ela, e rola seu top para cima como uma câmara de ar.

“Está triste porque ela foi embora?”, pergunta ela.

“Quem?”

“Boa resposta.”

Levanto, vou até o interruptor e apago a luz. Na súbita e azulada escuridão, a fraca luminescência de Sausalito entra em foco, banhando os galhos das árvores. Chego à janela, apoio a testa no vidro frio. É só uma cidadezinha do outro lado da baía, mas agora parece uma cidade sagrada vista à distância, uma miragem.

“Seu computador”, diz Rachel. “Ele tem uma voz esquisita de robô?”

“Ele não fala de verdade. Ele conversa por texto.”

“Você conta tudo pra ele? Vai contar sobre a nossa viagem?”

“Não sei.” O vento sopra uivando em meio às árvores, mil facas em mil pedras de amolar. Sausalito se apaga. Eu me volto para encará-la. “O que há para contar?”

“Você pode contar pra ele que conheceu uma garota muito legal”, diz ela. “Que está se mudando para a Califórnia para começar uma vida nova.”

“Você está se mudando para São Francisco.”

“Bolinas. Vou morar com minha tia e meu tio em Bolinas. Vou terminar o ensino médio.”

O vento para de repente, como se fechassem uma torneira. Os ruídos do albergue ficam mais claros — o murmúrio da televisão, o tilintar de garrafas.

“Meu Deus. Quantos anos você tem?”

“Vinte. Não me pergunte por que ainda não terminei o colégio.”

“Vinte”, digo eu.

Ela desaba no colchão com um baque surdo. As molas rangem. “Promete que vai contar isso pra ele. Uma garota muito legal se mudando para a Califórnia. Um novo começo na vida.”

“Um novo começo na vida.”

“Você entendeu.” Ela se ergue parcialmente, estende uma das mãos para mim, faz um sinal me chamando. “Preciso te contar uma coisa.”

“Espero poder compartilhá-la com meu computador.” Eu me afasto da janela. Ela é uma forma escura e quente na cama branca, e perto assim eu posso sentir seu cheiro, tocar seu cabelo ondulado. Ela levanta os olhos para mim, séria, como se estivéssemos prestes a fazer um pacto.

“Primeiro, você tem que me contar sua fantasia.” Ela fala com calma, mas também com firmeza — sem vergonha, sem embaraço. No escuro, seu corpo é um marfim monocromático, claramente visível. Seus seios pequenos, as gordurinhas na cintura, as pernas compridas, o castanho opaco da sua calcinha. Mas não consigo discernir seu rosto. Acima do pescoço, ela é toda sombra.

“Você pode me contar o que quiser”, digo. Vou guardar seu segredo — é algo que os estranhos podem fazer um pelo outro.

“Sua fantasia. Me diga a *sua*.”

Eu me inclino para ela. Não há rubor em suas faces; seus olhos não são verdes. Seu rosto é branco, preto, cinza — uma máscara. Uma fantasia, penso. Uma velha fantasia qualquer. Só uma coisa com que sonho à noite na cama, um modo como desejo ser tocado. Onde quero suas mãos, onde quero sua boca, o que quero que ela diga. Alguma coisa. Só preciso encontrar alguma coisa para dizer.